

# EDGAR ALLAN POE E MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE E IDENTIDADE

Renata PHILIPPOV\*

■ **RESUMO:** Muito tem sido publicado e discutido em relação aos contos e teorias estéticas de Edgar Allan Poe e Machado de Assis. Embora alguns estudos acadêmicos e publicações no Brasil refiram-se ao possível diálogo intertextual entre os projetos literários de Poe e Machado de Assis, ainda não parece ter sido feito um estudo mais aprofundado sobre como Machado realmente possa ter lido e subvertido os escritos de Poe para, assim, torná-los adequados a seu projeto literário e, conseqüentemente, auxiliá-lo a forjar um projeto de identidade nacional, tão caro a ele. Se ambos privilegiaram o conto como gênero por excelência para retratar indivíduos em momento de crise e em busca de sua própria identidade, se ambos buscaram a criação de um projeto literário e a fundação de uma identidade nacional, se ambos dedicaram muito tempo a publicar tais contos em jornais e periódicos, seus escopos de temas e procedimentos literários frequentemente divergiam. Este trabalho, portanto, pretende discutir em que medida Machado de Assis realmente incorporou a imagética, topos e estética de Poe em seu próprio projeto literário. Para tal, dois amplos aspectos dos contos de Poe e Machado serão analisados: o universo da mente e o humor, dentro da perspectiva do fantástico.

■ **PALAVRAS-Chave:** Edgar Allan Poe. Machado. Contos. Fantástico. Intertexto. Identidade.

No final do século XVIII e início do XIX as Américas passaram por longo processo de independência de seus colonizadores. De fato, após séculos de controle político, social, ideológico, intelectual e econômico por parte de países europeus, países como o Brasil e os Estados Unidos começaram a buscar modelos e paradigmas próprios. Tal processo, embora lento e instável, levaria à formação das sociedades norte-americana e brasileira com seus próprios arcabouços e projetos.

É precisamente nesse cenário que as literaturas norte-americana e brasileira devem ser lidas. De acordo com o crítico Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira* (1969), ainda hoje considerado seminal para se entender o processo de amadurecimento da literatura brasileira, no final do século XVIII escritores brasileiros estavam em busca de novos paradigmas literários para

---

\* UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras. Guarulhos – SP – Brasil. 07252-312 – renata.philippov@unifesp.br

ganharem status de independência da literatura portuguesa que tanto influenciara os escritos na colônia. De fato, Candido afirma que tal independência começara com o Arcadismo ou Classicismo: um projeto proposital de busca de mitologia greco-latina em termos de imagética e topos (amor e poesia épica), assim se distanciando da severa realidade do país. Vale lembrar que vários escritores árcades estiveram diretamente ligados à Inconfidência Mineira.

De acordo com Candido, no início do século XIX, o romantismo brasileiro seguiu os passos do arcadismo, em processo deliberado de busca de novos paradigmas. Em vez de mera adoção de modelos literários portugueses, escritores românticos voltaram-se à França e Inglaterra. Após a independência em 1822, o Brasil já se tornava fortemente influenciado pela cultura francesa e testemunhava a formação de um público-leitor ávido por ler romances em folhetins publicados em jornais e revistas da época – romances franceses e romances europeus em tradução francesa. De fato o francês tornava-se a língua de elite e muitas famílias de posses enviavam seus jovens para completarem estudos na França. Até o final do século XIX e começo do século XX, a literatura brasileira continuaria buscando novos paradigmas e sua identidade, embora mantivesse intenso diálogo intertextual com literaturas europeias via França.

Em relação aos Estados Unidos, a primeira produção literária nacional foi a dos Transcendentalistas no final do século XVIII e começo do XIX. Sediados em Concord, Massachussetts, escritores como Thoreau e Emerson defendiam a referência à natureza como inspiração e centro de produção filosófico-literária. Considerado por muitos críticos como o romantismo norte-americano, o transcendentalismo foi duramente confrontado por outros escritores do período, como Edgar Allan Poe.

Muito mais inclinado em direção aos paradigmas românticos ingleses e alemães, Poe frequentemente recorreu ao gótico em seus contos e poemas, algo totalmente diferente da estética transcendentalista. Ao fazê-lo, Poe estava na realidade buscando novos paradigmas e tentando afirmar suas próprias teorias estéticas e poéticas, assim, talvez, forjando uma identidade própria ao lado da criação de uma identidade nacional. De fato, temas como a morte da linda mulher amada, decadência, destruição, melancolia, caos, tão prevalentes em seus contos e poemas, apontam para o romantismo inglês da Lake School e o pré-romantismo alemão e dialogam intertextualmente com escritos de Coleridge, Wordsworth, os irmãos Schlegel e Novalis em vez de com os escritos de Thoreau e Emerson. Mesmo em seus contos cômicos, Poe recorreu ao sarcasmo e ironia em vez do cômico engraçado, o que muito refletia alguns de seus temas mais prevalentes, com ligeira mudança de tom.

Considerado o criador do conto moderno nos Estados Unidos e um de seus escritores mais influentes, Poe tem sido frequentemente considerado uma voz e

influência de peso no gênero, não apenas nos Estados Unidos do século XIX, mas também em outros países através das traduções para o francês feitas por Charles Baudelaire. Como já mencionado, a literatura e cultura brasileiras haviam se voltado para paradigmas franceses e o fluxo de livros e jornais no idioma francês era bastante considerável dentre a elite, especialmente no Rio de Janeiro, capital do império.

Parece ser muito natural para Machado de Assis ter tido contato com os escritos de Poe, tanto em inglês quanto em suas traduções para o francês. Embora Machado lesse em inglês (foi o primeiro brasileiro a traduzir “O corvo” diretamente do inglês), a crítica machadiana tende a acreditar que Machado tenha lido Poe do francês. Como aponta Daghlion (1999, p.11):

Como era de se esperar, Baudelaire é frequentemente associado a Poe. Sérgio Milliet (1898-1966), por exemplo, fala da intermediação do poeta francês e Brito Broca diz que, embora Machado de Assis possa ter lido ‘O corvo’ no original, ele foi atraído a Poe pela divulgação de Baudelaire.

Pode-se perguntar o que atraiu tanto o olhar de Machado. A resposta pode ser encontrada em seu ensaio mais conhecido, “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, publicado pela primeira vez em 1873. Ao defender a necessidade de um caráter nacional para a literatura brasileira, o autor discute a importância do conto na Europa e lamenta sua pequena presença no Brasil:

[...] É gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor. (ASSIS, 1910, p.18-19).

Em prefácio de *Papeis avulsos* (2005), Machado de Assis discute algumas das características do gênero, como brevidade e unidade, de bastante relevância para o autor e características essas amplamente discutidas por Poe em seus ensaios sobre poesia e contos. Em “Advertência” de *Várias histórias*, Machado de Assis (2004) brevemente menciona seus contistas favoritos, como Diderot, Merimée e Poe, a quem chama de um dos melhores contistas norte-americanos.

Ainda em relação ao prefácio de *Papéis avulsos* (ASSIS, 2005, p.3), vale mencionar o uso de ironia por parte do autor ao se defender de opiniões comuns que consideravam o conto como gênero menor:

[...] Em relação ao gênero, isso pode ser inútil. O livro está nas mãos do leitor. Apenas direi que, se há páginas que parecem meros contos, e outras que não o são, defenderei a mim mesmo destes dizendo os leitores poderão achá-los interessantes.

Em introdução à edição de *Papéis avulsos* de 2005, o crítico Ivan Teixeira (2005, p.15, grifo do autor) afirma que:

Como se sabe, o conto não possui prestígio nem tradição consolidada na literatura brasileira antes de Machado de Assis. A grande forma, depois da epopéia, era o romance. Por essa razão, a advertência do volume insiste em elevá-lo à condição de objeto teórico, atribuindo-lhe a função de promover, por meio da unidade de sentido, a construção da sabedoria, sem deixar de ser também um artifício cultural apto a produzir entretenimento para o **conto da vida**.

Portanto, pode-se afirmar que tanto Poe quanto Machado colocam-se enquanto figuras centrais em suas literaturas nacionais com relação à criação do gênero. De fato, estudos comparativos entre ambos e seus escritos são abundantes. Como diz Armange (2005):

A ressonância da obra de Edgar Allan Poe na de Machado de Assis é apontada e analisada por vários críticos, de Herman Lima (1971) a Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998), principalmente por causa do caráter fantástico de alguns contos, como em “A chinela turca” e “Entre santos” e da escolha do duplo como um tema recorrente, como em “O espelho”, “Teoria do medalhão”, etc. Tanto Poe quanto Machado valorizam extremamente os aspectos formais na construção de seus textos. Enquanto o primeiro cria uma estrutura anterior, que só depois vem a ser preenchida pelo episódio, subordinado ao efeito; o segundo se esmera, por exemplo, na exploração variada dos recursos composicionais, construindo vários tipos diferentes de narradores que fazem a narrativa progredir através do diálogo com seus interlocutores, ironizando personagens, citando outros textos, criando alegorias, relatando experiências testemunhadas ou protagonizadas, escrevendo um diário.

Como exemplificação do diálogo intertextual entre Poe e Machado, passar-se-á à análise de um conto machadiano que remete aos contos de Poe, “A chinela turca”. Pertence ao volume *Papéis avulsos* (ASSIS, 2005), sua primeira coletânea de contos publicada em 1882. É importante mencionar que tanto Poe quanto Machado publicavam constantemente em jornais e periódicos, prática comum no século XIX brasileiro e norte-americano. Machado, entretanto, descartava a maioria de seus contos, evitando sua publicação em livro. Sua produção, portanto, é imensa.

“A chinela turca” apareceu em 1875 no jornal *Época*, sob pseudônimo de Manassés. Conta a história do jovem Duarte, que, em 1850, está se preparando para um baile onde encontrará sua amada. É inesperadamente interrompido em seus preparativos pela visita de uma personagem que havia decidido tornar-se um grande dramaturgo. Sem aviso prévio, tal visita senta-se para ler um drama infundável e

sem sentido, para desespero de Duarte, que vê o tempo passar e suas chances de um encontro romântico se esvaírem. De repente, o dramaturgo sai correndo sem nada dizer, mas Duarte percebe que é tarde demais para ir ao baile. A campanha toca novamente e dois policiais surgem anunciando sua prisão pelo roubo de duas valiosas chinelas turcas. Seu clamor de inocência parece inútil e Duarte é levado preso. No caminho do distrito policial, entretanto, a carruagem para e ele é levado a uma mansão enorme e caríssima, ricamente decorada com mobília arabesca. O espaço lembra um labirinto com uma série de salas e portas que ele atravessa. Alguém lhe diz que o roubo fora mero pretexto para ser levado ao local. Vê um padre passar, que o cumprimenta e abençoa, enquanto sente a opressão de um pêndulo a bater constantemente no recinto. Levado ao aposento principal, encontra o dono do imóvel, que anuncia que está prestes a se casar com sua filha. Duarte protesta contra tal situação e lembra de sua amada. Surpreende-se com a chegada da filha do dono do imóvel, sua noiva. A linda figura surpreende-o, mas ele logo é avisado de que deverá se casar, assinar um testamento e ser envenenado até a morte. O pai da noiva fala de seu interesse pela fortuna de Duarte que, ao tentar se recusar a casar, é ameaçado por um revólver, devendo escolher a melhor forma de morrer. O padre reaparece e cochicha em seus ouvidos para fugir pela janela. Duarte corre pelos jardins desesperadamente e entra em uma casa no meio do jardim, onde felizmente encontra o dramaturgo calmamente sentado lendo sua obra. A história termina com a sensação de Duarte de que fora salvo pelo dramaturgo que o impedira de ir ao baile naquela noite.

O leitor fica com a primeira impressão de algo solto na história, de um salto temporal. Tratou-se de um sonho de Duarte durante a leitura do drama? Foi um fato real, embora estranho, desde o começo? Foi um sonho de Duarte enquanto esperava na mansão? Foi um sonho desde o começo da narrativa? Questões não respondidas pelo narrador, o que nos leva a pensar em Poe e seu uso do fantástico e do horror em suas histórias, como “A queda da casa de Usher”<sup>1</sup>. Embora interpretações factíveis da narrativa possam remeter a uma situação onírica, não se fala na palavra “sonho”. Eventos são simplesmente ligados uns aos outros em labirinto ou redemoinho de tempo, espaço e atmosfera nos quais as personagens e o leitor são presos.

Daí decorre um aspecto recorrente nas narrativas de Poe e Machado: a intromissão onírica dentro da realidade, a suspensão de verossimilhança externa, típicas da narrativa fantástica. Outra ressonância nesse conto é a presença de um pêndulo opressor marcando a passagem do tempo e a iminência da morte, como em “O poço e o pêndulo” ou “A máscara da morte rubra”, ambos do escritor norte-americano. De fato, a presença constante do pêndulo ajuda a criar uma atmosfera de opressão e a elaborar ritmicamente uma série de acontecimentos absurdos. Se há um sentimento final de alívio no final de “A chinela turca”, um final feliz até, isso nem

---

<sup>1</sup> Todos os contos de Poe citados neste ensaio estão contidos em Poe (1975).

sempre ocorrerá nos contos de Poe, onde a morte e a destruição parecem prevalecer. Embora “O poço e o pêndulo” também tenha um final feliz, com sensação de resgate da personagem ao final, a atmosfera é bem mais densa, claustrofóbica e lúgubre do que aquela do conto de Machado.

Se em “A chinela turca” (ASSIS, 2005) há um leve tom de comédia, pelo menos no começo, com a visita do dramaturgo, tal tom não é o de riso aberto e atmosfera leve, mas sim de sarcasmo, amargura e desespero. Sorri-se amargamente mais do que se ri alegremente quanto se lêem os acontecimentos da narrativa. Nos contos de Poe, uso similar de comédia é visto com frequência: em “Hop-Frog”, por exemplo, há inversão carnavalizada de papéis, culminando em trapaça e aniquilação final da corte pelas mãos de Hop-Frog, anão maligno e ardiloso. Se em “O sistema do doutor alcatrão e do professor pena”, cujos acontecimentos parecem antecipar trechos da novela “O alienista” de Machado, como aponta Teixeira (2010), temos ainda um certo frescor pairando no ar apesar da melancolia no asilo psiquiátrico, em “Hop-Frog” os membros da corte parecem nas chamas enquanto o anão observa o resultado de suas ações e manipulações.

Em outro conto machadiano, “O espelho”, vêem-se ecos de personagens do autor norte-americano. Originalmente publicado em *A Gazeta de Notícias* em 1882, esse conto também pertence à coletânea *Papéis avulsos* (2004). Seu subtítulo “Esboço de uma nova teoria da alma humana” anuncia a temática do conto: o universo da mente. Uma noite amigos se reúnem para contar histórias transcendentais. Um deles relata a história de um jovem bastante humilde que se torna alferes da Guarda Nacional, baixa patente, o que, paradoxalmente, alça-o a um patamar social e financeiro mais elevado. Seus parentes, amigos e conhecidos passam gradativamente a bajulá-lo e somente chamá-lo por sua patente, **Alferes**. A personagem, então, torna-se cada vez mais orgulhosa de si mesma, de sua nova condição social, a ponto de esquecer seu verdadeiro nome e identidade. Um dia viaja a uma pequena localidade para visitar uma tia recém-viúva que mora em um pequeno sítio com um cunhado, alguns escravos e animais. Como o passar dos dias, os habitantes de tal lugarejo e a vizinhança no entorno também o tratam como uma autoridade e utilizam apenas sua patente para se endereçarem a ele. Quando, entretanto, chega a notícia da morte de um conhecido, a tia e o cunhado partem por alguns dias para os funerais, deixando a personagem sozinha para tomar conta da propriedade, dos escravos e dos animais. Começa, então, a perceber que os escravos o tratam com maior respeito e é convidado a participar de uma grande festa organizada por eles. No dia seguinte, após a celebração regada a vinho, danças e cantos, percebe que os escravos fugiram levando grande parte dos animais. Sem saber o que fazer, decide ficar esperando pela volta dos parentes, sozinho. Começa, então, a sentir solidão e desamparo

com o passar do tempo. Tais sentimentos tornam-se desespero e angústia, a ponto de não mais cuidar de sua aparência e em não mais se olhar em um espelho que havia recebido de presente quando de sua chegada ao local. No entanto, um dia decide se vestir como antes e busca seu uniforme, símbolo de sua patente e valor. Automaticamente recupera a sensação de conforto e bem-estar. A história termina com a retomada da ideia presente na introdução da narrativa: a de que há duas almas em cada ser humano, uma interna, outra externa. A primeira é a comumente tida como a dimensão religiosa do homem. A segunda é constituída pelo reconhecimento social. O espelho simboliza a conexão entre ambas as almas, consideradas duplos um da outra. A teoria anunciada no subtítulo concebido por Machado parece apontar para o fato de a alma interna não conseguir manter o ser humano em sua integridade: sem a alma externa, ou o reconhecimento social, o homem não consegue sobreviver. A alma interna, portanto, busca a externa como complemento, sem a qual o homem é fadado ao desespero, à angústia, à destruição.

Se nos contos de Poe, como “William Wilson”, “O gato preto” ou “A queda da casa de Usher”, o ser procura destruir seu duplo, o outro que o incomoda – representado como outra personagem a ser abatida (William e Wilson, o narrador e o gato preto, Roderick e Madeleine Usher) – no conto machadiano o ser não quer destruir o outro, parte inerente de si, mas sim o busca para se manter uno, vivo e íntegro. Ou seja, em “O Espelho”, o outro é temporariamente destruído ou deixado de lado pela ausência social e pelo estado de depressão do ser. Assim que esse último recobre sua sanidade mental e autoconfiança, fenômeno metaforicamente representado pela ação de se usar um uniforme e de se olhar no espelho (seja um espelho concreto, seja um espelho metafórico representado pela sociedade sobre si), ambas as almas se reconciliam, o universo da mente entra em re-equilíbrio e o homem é salvo da destruição psíquica.

Através de um **vôo panorâmico** através de alguns contos de Poe e Machado, dois dos diversos aspectos em comum entre eles foram brevemente discutidos: o universo da mente e o humor. Se ambos aspectos são compartilhados pelos autores, sua aplicação é diversa. Se Poe frequentemente vê a sociedade e a vida com melancolia e olhar desesperador e desesperado, mesmo no gênero cômico, Machado parece tender a um olhar mais leve ou sarcástico. Portanto, parece realmente haver um diálogo intertextual entre os autores e sua contística, ambos em busca de uma nova identidade nacional para suas literaturas. No entanto, é preciso salientar que Machado é bem mais explícito em seus escritos sobre a constituição de uma identidade nacional, a começar pelo ensaio “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, ao passo que Poe se remete a isso apenas indiretamente e em alguns pequenos fragmentos ou excertos em “Marginalia” (1984), que não cabem aqui serem discutidos.

PHILIPPOV, R. Edgar Allan Poe and Machado de Assis: intertextuality and identity. **Itinerários**, Araraquara, n.33, p.39-47, July/Dec., 2011.

■ **ABSTRACT:** *Much has been published and discussed in relation to Edgar Allan Poe's short stories and aesthetic theories. The same may be said of the 19th century Brazilian novelist, short story writer, poet and journalist Machado de Assis. Although some academic studies and publications in Brazil refer to the possible influence of Poe's stories and theories in Machado de Assis' production, a deeper study into the way Machado actually may have read and subverted Poe's writings so as to fit within his own literary project still needs to be carried on. If both authors privileged the short story as a genre par excellence to portray the individuals in moments of crisis, if both dedicated much time to publishing those stories in newspapers and magazines, their scope of themes and literary procedures often diverged. This paper, therefore, aims at discussing up to what extent Machado actually incorporated Poe's imagery, topoi and aesthetics into his own literary project. For that purpose, two broad aspects of Poe's and Machado's short stories will be addressed: the universe of mind and humor.*

■ **KEYWORDS:** *Edgar Allan Poe. Machado. Short stories. Intertextuality. Identity.*

## Referências

ARMANGE, A. H. K. A concepção de conto em Machado, Poe e Tchekhov: diferenças e similitudes. **Entrelinhas**: revista do Curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, v.2, n.2, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=7>>. Acesso em: 17 maio 2011.

ASSIS, M. de. **Papéis avulsos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. de. Advertência. \_\_\_\_\_. **Várias histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.11.

\_\_\_\_\_. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. \_\_\_\_\_. **Crítica**. Rio de Janeiro: Garnier, 1910, p.18-19.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1969.

DAGHLIAN, C. A recepção de Poe na literatura brasileira. **Fragmentos**, Florianópolis, n.17, p.7-14, jul./dez. 1999.

POE, E. A. **Essays and reviews**. New York: Library of America, 1984.



\_\_\_\_\_. **Complete tales and poems**. New York: Vintage Books, 1975.

TEIXEIRA, I. **O altar e o trono**: dinâmica de poder em O Alienista. São Paulo: Ateliê, 2010.

\_\_\_\_\_. Pássaro sem asas ou morte de todos os deuses: uma leitura de Papéis avulsos. ASSIS, M. de. **Papéis avulsos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p.15.



